

COLUNA

ARA, LÓHÙN, ÈWÀ, ÀŞẸ: NEY MATOGROSSO EM ESTADO DE APARIÇÃO NO CARNAVAL DA IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE DE 2026

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Leitor, leitora, leitor, antes de qualquer tamborim bater, deixa eu te perguntar uma coisa séria — você já tentou definir Ney Matogrosso em uma palavra só? Pois é. Nem ele deixou. Ney sempre foi fuga de rótulo, escapada elegante da caixinha, dessas que a gente abre e... surpresa! Tem outra coisa dentro. Um artista que nunca entrou manso pela porta da frente; preferiu a janela, o telhado ou, quando dava, o palco inteiro. Ney começa sua trajetória num Brasil que gostava de homens comportados, vozes graves e corpos discretos. Ele respondeu com agudos, maquiagem, peito aberto e um corpo que nunca pediu licença. Dos tempos de *Secos & Molhados* até a carreira solo — mais longa que muita avenida de desfile — Ney fez do corpo um manifesto, um bicho raro. Cantou, dançou, encenou, provocou. Sobreviveu à ditadura, ao moralismo, às tentativas de domesticação. E segue aí, vivíssimo, driblando o tempo com a mesma facilidade com que dribla expectativas. Agora, imagine tudo isso atravessando a Marquês de Sapucaí. Pois é exatamente isso que a agremiação promete ao levar para a avenida o enredo “Camaleônico”, homenagem a Ney Matogrosso, assinado por Leandro Vieira — um carnavalesco que também não gosta de obviedade. Quando Leandro escolhe um tema, ele

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professor Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Professor Substituto do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade Estado do Rio de Janeiro; Mestrando em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

não faz retrato 3×4: faz movimento. E Ney, convenhamos, é puro deslo(u)camento.

Mas... qual seria a definição mínima de artista camaleônico? Bem, o artista camaleônico é aquele ser singular que habita inúmeros corpos artísticos ao longo de uma mesma vida. Ele não segue um único estilo; ele os experimenta, os domina e os transfigura, tornando a metamorfose sua principal linguagem. É um polímata moderno, cuja essência é a recusa a qualquer rótulo definitivo, navegando com igual maestria entre a pintura, a música, o cinema ou a literatura, sempre guiado pela liberdade criativa mais do que por qualquer tendência de mercado. Ele vê o mundo com múltiplos olhares – seja experimental, antropológico, metalinguístico – e transforma cada projeto em um universo autônomo, como se cada obra fosse assinada por um autor diferente. Este não é um caso de inconstância, mas sim de uma fome insaciável por expressão. Para ele, a maior prisão seria ficar preso a uma única paleta de cores, a uma única nota ou a um único personagem para o resto da carreira. Sua obra é um constante "e se?", um questionamento vivo sobre os limites da própria identidade. Para ilustrar esse conceito de forma concreta, nada melhor do que exemplos que encarnam essa mutabilidade, e vou aqui falar de um artista que pude conhecer no curso de Mestrado em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sendo-me apresentado de diversas formas.

Na Mutaforma, O artista chinês Liu Bolin literalmente se torna sua arte. Em sua série "Escondendo-se na Cidade", ele pinta seu próprio corpo para se fundir perfeitamente a cenários urbanos, protestos políticos ou paisagens, tornando-se quase invisível. Sua técnica é uma camuflagem física e conceitual: ele desaparece no cenário para criticar questões sociais, como a repressão política ou a poluição, fazendo do seu corpo um suporte vivo e transitório. É a metamorfose levada ao extremo da ilusão óptica, onde o artista abandona sua forma humana para se tornar pura mensagem visual. Vejamos que arte performática interessante:

Mutaforma – Liu Bolin, camouflage 36, 2007



Fonte: <https://slash-paris.com/evenements/liu-bolin>

Portanto, o artista camaleônico é aquele para quem a arte não é um estilo, mas um verbo: o verbo transformar. E em Ney Matogrosso, esse verbo encontrou sua conjugação mais completa, livre e deslumbrante. Como ele mesmo parece sugerir, sua missão não é esclarecer, mas, quando possível, confundir – e nessa confusão generosa, nos presentear com um arco-íris infinito de possibilidades de ser. “Camaleônico” não é só um adjetivo bonito pra soltar no release. É quase uma chave de leitura. Ney muda de pele, mas nunca muda de essência. Cada fase sua parece uma reinvenção completa — e ainda assim, a gente reconhece de longe. É o mesmo Ney no bicho-homem, no bicho-ave, no bicho-palco. Um artista que atravessa gêneros musicais, estéticos e até morais como quem troca de figurino com consciência de cena. Ney sempre foi carnaval fora de época. Sempre foi excesso num país que finge gostar de alegria, mas se assusta quando ela vem sem filtro. Ney canta com o corpo inteiro, olha com o rosto inteiro, desafia com o silêncio quando precisa. Ele nunca pediu aplauso — sempre exigiu presença. Na avenida, o enredo promete brincar justamente com isso: com as metamorfoses, com os personagens, com as máscaras que revelam

www.africaeaficanidades.com.br

mais do que escondem. Ney é desses que, quando se fantasia, fica mais verdadeiro ainda. Um camaleão ao contrário: muda de cor pra mostrar o que é.

Leandro Vieira sabe que carnaval não é biografia em ordem cronológica; é leitura crítica com purpurina. É comentário social em forma de samba. Então não espere uma linha do tempo certinha, da infância ao sucesso. Espere rasgos, saltos, sobreposições. Espere o Ney múltiplo, contraditório, livre. Espere o Brasil se olhando no espelho e percebendo que ainda deve muito a quem ousou ser diferente quando ser diferente custava caro. E tem mais: homenagear Ney é também falar de gênero, de corpo, de liberdade — mas sem palestra, sem cartilha. É no passo, no canto, no impacto visual. Ney nunca discursou; ele apareceu. E aparecer, em certos contextos, já é um ato político dos mais barulhentos. Leitor, vamos combinar uma coisa: aparecer no Brasil nunca foi simples. Aparecer mesmo — com corpo, voz, gesto, desejo. Num país onde a religião evangélica cresce em ritmo de loteamento imobiliário, ser Ney Matogrosso virou, para muitos púlpitos, sinônimo de pecado em alta definição. HD, 4K, com legenda e replay.

Porque Ney não aparece “discretamente”. Ele aparece inteiro. E isso incomoda uma teologia que prefere gente pela metade: meio corpo, meia voz, meia vida — desde que cheia de culpa. Ney aparece com peito aberto, maquiagem, agudo no gogó e liberdade no quadril. E aí, meu amigo, o céu fecha. Ou melhor: dizem que fecha, mas nunca apresentam o alvará divino. É curioso observar os doutores da teologia da contradição cotidiana. Aqueles que dizem: — “Deus criou o homem e a mulher”, mas passam a vida tentando corrigir a criação com paletó, saia longa, manual de conduta e muito recalque espiritual. Os mesmos que afirmam que “o corpo é templo do Espírito Santo”, mas entram em curto-circuito quando o templo resolve dançar. Corpo pode ser templo, desde que não tenha coreografia. Desde que não cante agudo. Desde que não seja Ney. Há também os especialistas em perdão seletivo. Dizem que “Jesus perdoa todos os pecados”, mas fazem ressalva em letra miúda: exceto se você usar glitter, delineador e liberdade estética. A cruz perdoa, mas a sapatilha não. A

graça é infinita, desde que seja hétero, cis, careta e monocromática, fora isso, a graça é finita, muito finita e blá-blá-blá...

Ney não canta contra Deus. Ney canta contra a domesticação. Contra o enquadramento. Contra essa ideia de que existir fora da norma é ofensa divina. Se existir assim fosse pecado, Deus teria criado o mundo em preto e branco — e ainda proibido o carnaval. Aliás, não deixa de ser engraçado: o mesmo discurso que demoniza Ney adora falar em “liberdade em Cristo”. Uma liberdade tão livre que só funciona dentro do cercadinho. Livre, mas nem tanto. Livre, desde que não rebolando. E aí o carnaval entra como heresia maior. Ney na avenida é quase um escândalo teológico ambulante: corpo visível, prazer estético, ambiguidade, beleza sem pedido de desculpas. Tudo aquilo que a teologia do medo tenta exorcizar. Só que, surpresa: o povo canta junto. O povo aplaude. O povo reconhece. Talvez porque o povo saiba — intuitivamente — que pecado mesmo é viver encolhido. Vamos cantar com o enredo da Imperatriz?

Sou meio homem, meio bicho

O silêncio e o grito

Pássaro, mulher

Que pinta a verdade no rosto

Traz a coragem no corpo

E nunca esconde o que é

Pelo visível, indefinível

Ressignifica o frágil

O que confunde é o desbunde

O que desafia o fácil

Canto com alma de mulher

Arte que sabe o que quer

E não se esqueça

Eu sou o poema que afronta o sistema

A língua no ouvido de quem censurar

Livre para ser inteiro

Pois, sou homem com H

www.africaeaficanidades.com.br

E como sou...

O bicho, bandido, pecado e feitiço

Pavão de mistérios, rebelde, catiço

A voz que a cálida rosa deu nome

A força de Atenas que o mal não consome

O sangue latino que vira

Vira, vira lobisomem

Eu juro que é melhor se entregar

Ao jeito felino provocador

Devoro pra ser devorado

Não vejo pecado ao sul do Equador

Se joga na festa, esquece o amanhã

Minha escola na rua pra ser campeã!

Vem meu amor

Vamos viver a vida

Bota pra ferver

Que o dia vai nascer feliz na Leopoldina

(Imperatriz Leopoldinense, 2026)